A cooperativa Schnittstelle vende alimentos cultivados por agricultores familiares em sistemas tradicionais

Fortalecendo o vínculo entre **ESCOLHAS ALIMENTARES** e a biodiversidade

Jens Herbold

Berlim é a cidade alemã com o maior número de estabelecimentos que vendem alimentos orgânicos. Mas grandes distribuidores e supermercados dominam o setor, excluindo os pequenos agricultores do mercado. Ao derrubar as cercas que separam produtores e consumidores, uma cooperativa de varejo está conseguindo sensibilizar a opinião pública sobre a relação entre as escolhas alimentares, a soberania alimentar e a conservação da agrobiodiversidade.

Assim como acontece nas cadeias de alimentos convencionais, é cada vez maior o controle dos grandes grupos varejistas sobre o setor de orgânicos, o que não deixa quase nenhum espaço para os pequenos produtores. Diante desse cenário, em 2009, três amigos e eu resolvemos buscar formas de encurtar as cadeias de distribuição. Sublocamos um armazém em Kreuzberg, um dos bairros centrais de Berlim, e, por meio do contato com produtores independentes e cooperativas de produção, criamos nossa cooperativa de varejo, a Schnittstelle. O princípio é simples. Temos como objetivo distribuir alimentos, sementes e bebidas produzidos por cooperativas de produtores para consumidores interessados em apoiar formas alternativas de economia e agricultura.

Os produtores com quem trabalhamos, muitos dos quais localizados nas proximidades de Berlim, geralmente fazem parte de esquemas de *agricultura sustentada pela comunidade*[1] ou estão ligados a redes similares de solidariedade procurando aumentar as suas oportunidades de venda no varejo. Alguns produtores integram cooperativas agrícolas. Nosso fornecedor de massas, por exemplo, é a Iris Collective, uma comunidade que vem cultivando desde os anos 1970. Além disso, no armazém da Schnittstelle, os produtores não só entregam os seus próprios produtos como podem comprar alimentos de outros coletivos. Outros clientes são membros de cooperativas alimentares ou habitacionais.

[1] Esse modelo de agricultura está crescendo em todo o mundo. A edição V.12, N.2 da *Revista Agriculturas* abordou em um de seus artigos o movimento Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA). Para ler o artigo, acesse: http://aspta.org.br/revista/v12-n2-novas-conexoes-entre-o-rural-e-o-urbano/agricultura-sustentada-pela-comunidade-um-modelo-que-prospera-na-china/ Para saber mais sobre as CSAs no Brasil, acesse: www.csabrasil.org. (N. da T.)

Antes de firmar parceria, a nossa equipe se reúne com os produtores para juntos avaliarmos se existe compatibilidade ideológica. Por exemplo, verificamos se compartilhamos da mesma ideia do que significa *orgânico*. Depois, discutimos os preços de venda para chegar a um valor *economicamente correto* – que seja acessível para aqueles que pagam e que também seja justo para os produtores e distribuidores. É preciso muito esforço e dedicação para tornar esse trabalho possível e estamos sempre em busca de novos produtores, consumidores e voluntários.

UMA INTERFACE

Schnittstelle significa *interface*, conceito que traduz a finalidade de nossa iniciativa. Afinal, mais do que uma distribuidora de alimentos, a Schnittstelle é uma plataforma para o intercâmbio de informações entre as áreas rurais e urbanas e entre produtores e consumidores. Em nossos blog e boletim informativo, discutimos e difundimos alternativas ao sistema agrícola capitalista dominante. Costumávamos organizar exibições de filmes, mas agora outros grupos em Berlim, com interesses semelhantes, assumiram a continuidade dessa atividade.

UMA CESTA DE BIODIVERSIDADE

Na Alemanha, como na maior parte da Europa, uma parcela considerável dos alimentos que consumimos vem do exterior. As pessoas de fato não têm o poder de decisão sobre o que comem, apenas escolhem seus alimentos entre a gama de produtos que lhes são apresentados. Por isso, um tema recorrente em nosso blog é a agrobiodiversidade, que está intimamente relacionada à ideia de soberania alimentar. No entanto, reconhecemos que, para conservar a agrobiodiversidade, não basta falar sobre ela, é preciso, sobretudo, se alimentar dela.

Assim, em 2012, inauguramos um sistema de cestas contendo espécies que há muito tempo se tornaram raras em supermercados e outros comércios de alimentos.

Apelidamos o esquema de *Cesta da Biodiversidade*, que é entregue mensalmente a 50 consumidores cadastrados. Ela é composta por produtos pouco comuns, como hortaliças de polinização aberta, massas feitas de farinha de kamut (*Triticum turanicum*), suco de frutas de variedades antigas ou sementes raras que obtemos de agricultores guardiões da agrobiodiversidade. Para que as pessoas possam aprender mais sobre esses produtos, as cestas também incluem receitas e informações sobre suas origens. De acordo com muitos consumidores, essa informação é um item altamente valorizado da cesta.

CONSUMO PARA A SOBERANIA ALIMENTAR

O esquema da Cesta da Biodiversidade visa aumentar a consciência sobre as escolhas alimentares e sua influência na conservação da agrobiodiversidade. Por exemplo, no século XIX, havia cerca de mil variedades de trigo na Alemanha, que foram adaptadas ao clima e ao solo regionais. Agora, restam apenas 30. Em abril de 2013, o *Federal Varieties Office* (Escritório Federal de Variedades, em tradução livre) declarou haver 734 variedades de cereais aprovadas para o cultivo na Alemanha. Isso não significa, contudo, que todas são cultivadas. Nós queríamos chamar a atenção das pessoas para essa questão e ficamos contentes em poder apoiar uma pequena cervejaria na Baixa Baviera, a Riedenburger Brauhaus, que utiliza em seu processo de fabricação cereais negligenciados, como milheto, trigo einkorn (*Triticum monococcum*), espelta e farro (*Triticum dicoccon*). As suas cervejas são regularmente incluídas nas Cestas da Biodiversidade, assim como o pão à base de cereais *antigos* produzido pelo coletivo de padeiros chamado Backstube. O pão se tornou tão popular que agora integra a sua linha de produtos regulares.

Além disso, por meio de nosso modelo de negócio, queremos conscientizar os consumidores sobre seu poder para colocar as pessoas de volta no centro da agricultura, levando-os a efetivamente exercer esse poder. Na agricultura industrial, os agricultores são muitas vezes relegados ao papel de meros produtores de matérias-prima para a indústria. O cultivo de diversas variedades, por outro lado, é menos monótono, mas deve ser devidamente remunerado, considerando o grau de trabalho e esforço envolvido. No entanto, os produtores que praticam uma agricultura em pequena escala e diversificada têm poucas chances de se posicionar nos mercados contra as empresas e varejistas que estabelecem preços baixos. E é por isso que iniciativas como a da cooperativa Schnittstelle, voltadas a encurtar a cadeia entre a produção e o consumo e construir redes, possibilitam que esses produtores sejam pagos de forma justa. Nesse sentido, quando apoiamos diretamente famílias agricultoras que preservam nossa biodiversidade, estamos exercendo nosso direito de construir o nosso próprio sistema alimentar, de forma justa e diversa.

JENS HERBOLD
Ativista nos campos da economia solidária, da agricultura sustentável, da soberania alimentar e da luta contra a energia nuclear
schnittstelle@jpberlin.de

Fotos pág 28: Cooperativa Schnittstelle vende produções derivadas de cultivos tradicionais

Acima e ao lado: Produtos que integram a cesta da biodiversidade